

culadas ininterruptamente por múltiplos meios, sofre comumente dos males produzidos pela interpolação conceptual e factual. Sérgio PORTO, escritor e compositor popular brasileiro, captou com perspicácia e expressou com muito humor um caso fictício de interpolação de fatos da História do Brasil no seu "Samba do crioulo doido", composição muito divulgada há cerca de vinte anos.

José Elias MURAD, antigo professor mineiro, no seu livro *Meus alunos, meus colegas e eu* (Belo Horizonte, Itatiaia, 1964), relata vários casos de interpolação conceptual factual entre pré-universitários.

Não foram encontradas referências a trabalhos desenvolvidos por pesquisadores da linha cognitivista-constructivista de Piaget acerca do tema, embora estudos importantes tenham sido relatados por pesquisadores comportamentistas em torno do problema da interpolação. Referências a estes trabalhos podem ser encontradas em James M. SAWREY & Charles W. TELFORD, *Psicologia Educacional*, Trad. Iva Waisberg Bonow, coord., Rio, Ao Livro Técnico, 1966, p. 162-3.

4 - Cf. Barry J. WADSWORTH, *Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau*. Trad. Marília Zanella Sanvicente. São Paulo, Pioneira, 1984. cap. 12.

5 - Cf. Jean PIAGET, *A formação do símbolo na criança - Imitação, jogo e sonho, imagem e representação*, trad. Álvaro Cabral e Cristiano Monteiro Oiticica, Rio, Zahar, 1971, cap. 8, 9 e 10. Ver também, do mesmo autor, *A linguagem e o pensamento da criança*, trad. Manuel Campos, Rio, Fundo de Cultura, s.d., cap. 4 e 5. Acerca da aprendizagem figurativa e da conotativa, consultar David ELKIND, *Desenvolvimento e Educação da criança - Aplicação de Piaget na sala de aula*, trad. Álvaro Cabral, Rio, Zahar, 1978, cap. 5.

LEITURA DE TEXTOS NA SALA DE AULA: O TRABALHO NA 1ª FASE DO 1º GRAU

Maria das Graças Ferreira *

Neste texto, a autora retoma os "passos básicos de leitura" - procedimento usual nas aulas de exploração de textos em classes de 1º grau - discutindo o papel do professor na utilização deste procedimento, de modo a tirar dele o máximo de elementos para a formação do leitor crítico. Aponta a aula de leitura como oportunidade de os alunos se desenvolverem na comunicação oral, escrita e, ainda, em outras linguagens.

INTRODUÇÃO

Falar sobre a leitura implica tratar de uma questão fundamental: a função da Escola. Aprender a ler e a escrever, bem como a linguagem dos números, constituem razões que levam todos os pais a colocarem seus filhos na Escola. E para que aprender a ler? Que papel tem a leitura no mundo de hoje?

Em primeiro lugar, cabe dizer que aprender a ler, hoje, significa não apenas ter acesso aos veículos de comunicação escrita. Mais do que isso, é saber interpretar mensagens recebidas, formando um conceito da realidade, buscando uma interpretação pessoal do mundo. Só assim a leitura terá sentido.

A escola tem um papel a cumprir ao iniciar o indivíduo na leitura: torná-lo apto a decifrar mensagens escritas, não no sentido apenas de captá-las, mas, sobretudo, de analisá-las criticamente, ampliando sua

* Professora do Departamento de Pedagogia da FE/UFG.

visão de mundo, até então restrita ao universo experimental direto e veiculada pelos processos da oralidade.

Ao professor de 1ª fase de 1º grau cabe grande parte desse papel, na formação do leitor crítico. É nos primeiros anos de escolaridade que a criança se iniciará no mundo letrado e é necessário que desde o princípio o aluno vá além da leitura mecânica, decodificação de símbolos.

Todo o trabalho na Escola em leitura, portanto, deve repousar num conceito de leitura como um processo que ultrapasse a decifração e chega à **compreensão, interpretação e assimilação** crítica das mensagens textuais.

A partir dessa perspectiva, este texto pretende analisar os procedimentos didáticos utilizados na sala de aula, com vistas ao desenvolvimento da capacidade de ler, enfocando, particularmente, os chamados "passos básicos de leitura", destacando o papel do professor na condução desse processo.

A seguir, explico e analiso estes passos, chamando atenção para o fato de que eles não se constituem em "receita", antes um roteiro de ação que deve ser alterado todas as vezes que as circunstâncias assim o exigirem. Os comentários visam, apenas, à utilização desses passos, tirando deles o máximo de possibilidades, sem cair na "rotinização" do trabalho docente.

02 – A AULA DE LEITURA

Uma forma de se dar uma aula de leitura nas primeiras séries de 1º grau, e que é bem difundida entre nós, é seguir os **PASSOS BÁSICOS DE LEITURA**, quais sejam:

- incentivação ou preparação;
- estudo do vocabulário ou introdução de palavras novas;
- leitura silenciosa;
- comentários da leitura silenciosa;
- leitura oral;
- atividades relacionadas à leitura.

Considero que a seqüência destes passos possa variar, dependentemente do nível de desenvolvimento da turma, do texto e da intenção do professor.

2.1 – Incentivação ou preparação

A incentivação, como o próprio nome pode sugerir, tem sido concebida como o processo de despertar o interesse dos alunos sobre o conteúdo de texto a ser lido.

Se "... ler efetivamente implica em estabelecer um diálogo com o texto: o leitor não é passivo, é ele que vai atribuir significação ao texto, aceitando ou questionando o que este lhe diz" (SME-SP DFO, 1985, 12), para que o aluno dialogue com o texto e lhe atribua um significado, precisa recorrer a sua experiência de vida, buscando o conteúdo de outras leituras, a cosmovisão de outrem, a própria imaginação e fantasias, num ato de interação e interlocução.

Nessa perspectiva, a incentivação consiste, no momento, em que os alunos, monitorados pelo professor, busquem a construção de um pré-texto, ou seja, a pré-contextualização do texto, para assegurar que penetrem no novo conteúdo, aproximando-o de sua vivência como forma de vir a aceitá-lo, questioná-lo ou contrapor-se à informação veiculada.

Vista, assim, a incentivação é um momento privilegiado para o desenvolvimento da expressão oral dos alunos, pois a construção do pré-texto – a pré-contextualização do novo texto – deverá ser feita mediante ampla exploração do conteúdo trazido pelas crianças. Vale dizer, é o momento de o professor deixar que seus alunos se expressem **sem limites**, contando suas experiências, idéias preconcebidas, as fantasias e as vivências adquiridas, através de outras leituras.

É oportuno ressaltar, aqui, a importância da oralidade por constituir a modalidade de língua primeira do falante e dominada por todos, segundo sua variedade lingüística diatópica e diastrática, por ser a mais usual, a mais freqüente e necessária à grande maioria da população e por se revestir de enorme valor na aquisição e expressão escrita. Quanto a essa última assertiva, afirma Maurizio GNERRE (1985):

"Um problema que me parece central na alfabetização de crianças e adultos é o da ausência ou da redução extrema dos momentos e dos instrumentos teóricos e práticos para a mediação entre oralidade e escrita. Na medida em que não damos espaço à fase de mediação entre oralidade e escrita, complicamos de forma desnecessária o momento já intrinsecamente difícil de alfabetização, visto como interpretação recíproca do alfabetizador e do alfabetizando. É justamente esta fase de mediação que precisa ser fortalecida de várias formas: **temos que tentar devolver o gosto e a confiança na oralidade, o prestígio de arte verbal**, a discussão sobre as hipóteses relativas ao que seria a escrita, a leitura oral em voz alta de livros escritos e impressos e a discussão dos seus conteúdos, comparados com **conteúdos de histórias da tradição oral** (grifos meus). Todas estas, e outras, seriam as práticas necessárias para fortalecer ou até mesmo instituir a fase de mediação entre oralidade e escrita.

... Repensar nestes termos a riqueza da oralidade comporta repensar todo o nosso mundo grafocêntrico e, na medida em que vai ser dado um novo espaço à criatividade da oralidade, receberemos resultados na criatividade escrita, cujos produtos podem circular e **produzir mais criatividade e maior confiança dos indivíduos na expressão dos seus próprios pensamentos**" (grifos meus).

Menos oportunos não é lembrar que a língua falada – a trazida pelos alunos, segundo a variedade própria de seu grupo social, da idade, da região em que vivem e seus hábitos lingüísticos – constitui o material que o professor deverá utilizar como ponto de partida, para que seus alunos tenham acesso a outras variedades lingüísticas ou a outras formas de expressão verbal.

Como fazer a incentivação?

A incentivação pode ser feita de várias maneiras. Cabe ao professor, a partir do texto selecionado, utilizar a que julgar mais adequada.

Só como lembrete e como referencial para criação de outras atividades, apresento algumas:

- levar uma atividade surpresa;
- recorrer à experiência da criança, vivida na escola ou em casa;
- recorrer a elementos desconhecidos;
- música;
- gravura;
- conversas;
- projeção de "slides".

A incentivação não constitui, necessariamente, o momento inicial do trabalho com o texto. Ela perpassa todo esse trabalho, o antes, o durante e o depois da leitura.

É preciso alertar para que o professor, no trabalho de incentivação, não utilize de situações artificiais e tampouco tire o impacto do texto, o prazer da surpresa e da descoberta. Neste sentido, é preciso evitar antecipar detalhes relevantes do texto, deixar que a leitura se constitua, gradualmente, na própria incentivação, tal como ocorre em situações reais de leitura de adultos leitores.

2.2 – Estudo do vocabulário ou introdução de palavras novas.

Indaguemos, inicialmente, qual a finalidade deste passo. As crianças, quando chegam à escola (6 a 7 anos) já dominam as estruturas

básicas da língua e dispõem de um vocabulário que lhes permite a comunicação verbal de suas necessidades, sentimentos e imaginação.

As palavras são recortes do mundo que traduzem um modo de ver, sentir e pensar de uma comunidade lingüística, refletindo seu universo cultural.

Ampliar o repertório lexical dos alunos significa ajudá-los a pensar, a compreender melhor e cada vez mais o mundo que os cerca, pois "não se diz nenhuma novidade ao afirmar que as palavras, ao mesmo tempo que veiculam o pensamento, lhe condicionam a formação" (RONAL, apud GARCIA, 1985). Assim, "quanto mais variado e ativo é o vocabulário disponível, tanto mais claro, tanto mais profundo e acurado é o processo mental da reflexão" (GARCIA, op. cit.).

A ampliação do vocabulário, no entanto, só se fará à medida que a palavra nova reflita a incorporação de novas experiências. Assim sendo, o trabalho do professor, no tocante a esse estudo na aula de leitura, deve ir além de levar o aluno a compreender a palavra ou expressão para o entendimento de um dado texto; deve constituir uma nova experiência, a ser adquirida de atividade significativa.

Considerando que ao longo da vida as pessoas encontrarão unidades lexicais desconhecidas, "... é desejável, no tocante ao vocabulário, que a escola se preocupe mais em formar atitudes e consolidar hábitos do que em atingir metas quantitativas arbitrariamente fixadas" (ILARI, 1985).

Antes de prosseguir, farei o seguinte lembrete: todo falante de uma língua dispõe de dois tipos de vocabulário: o ativo e o passivo. O ativo é aquele que se encontra à disposição do falante para qualquer momento de comunicação, momentaneamente, a informal. O passivo é aquele com o qual o falante já teve contato (oral ou escrito), mas cujo significado desconhece total ou parcialmente.

No vocabulário passivo, os vocábulos podem ser de quatro níveis, ou constituídos de:

- a. uma palavra que é identificada, mas seu sentido não é precisado;
- b. um léxico identificado com precisão, mas jamais utilizado;
- c. um vocábulo usado somente na escrita formal e, ainda,
- d. um vocábulo usado somente na linguagem oral formal.

As palavras de um texto podem pertencer ao vocabulário ativo ou passivo do leitor ou podem ser desconhecidas. O vocábulo desconhecido é aquele ao qual o falante não teve acesso, através da comuni-

cação oral ou escrita. Refere-se a objetos, seres, fatos que não constituem parte do universo experimental do leitor.

No passo básico de leitura de que estou tratando, o estudo do vocabulário terá a finalidade de levar a palavra desconhecida a integrar-se ao vocabulário ativo do aluno ou, ainda torná-la, disponível em seu vocabulário, caso já pertença a seu vocabulário passivo.

Neste ponto é importante lembrar que a aprendizagem efetiva "palavra nova", vale dizer, a incorporação do vocábulo desconhecido no repertório lexical do aluno dá-se através da compreensão do ambiente sintático e semântico em que se insere. "É o contexto que, a despeito da variedade de sentidos de que a palavra seja suscetível lhe impõe um valor singular; é o contexto também que a liberta de todas as representações passadas, nela acumuladas pela memória e que lhe atribui um valor atual" (VENDRYNES, Apud GARCIA, 1985).

Não pode o professor se esquecer de incentivar os alunos a utilizarem as palavras aprendidas, se possível, em diferentes acepções:

Como ajudar os alunos a ampliar seu repertório lexical?

Citarei algumas atividades:

- descoberta do sentido da palavra, através da análise do contexto. O professor escreve várias frases que possibilitem esclarecer o sentido da palavra desconhecida;

- uso do dicionário - recomenda-se para essa atividade que o professor ensine os alunos a consultarem o dicionário, explorando todo o verbete e, mais, que voltem ao contexto, pois, como já foi dito,

"... é o contexto imediato que determinará o sentido da palavra; o contexto fixa o sentido ao mesmo tempo que resolve a ambigüidade" (GENOUVRIER e PEYTARD, 1974);

- análise da palavra em seus elementos mínimos de significação, comparando-a com outras já conhecidas;

- ampliação do vocabulário por família ideológica. É necessário, aqui, sejam analisados os matizes que distinguem as palavras; por exemplo: planta, árvore, vegetal, plantação;

- ampliação por família analógica ou jogo de palavra-puxa-palavra. Trata-se de agrupar palavras que não são necessariamente sinônimas, mas que se relacionam por associação de idéias; por exemplo: amor, amizade, carinho, dedicação.

O momento do estudo do vocabulário é propício, também, para o professor trabalhar criticamente as variedades da língua: analisar e comparar expressões de uso da linguagem oral e das variedades, caso o texto as traga, explorando seus usos de acordo com os contextos nos quais ocorrem.

Ressalto a importância da comparação e análise das variedades de língua, dada a oportunidade de os alunos compreenderem que a língua não é homogênea, mas constituída de variedades, possibilitando-lhes utilizar variedade adequada em determinada ocasião de interação social. "No fundo a grande missão do professor de língua materna (...) é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação. ..." (BECHARA, 1985). Além do mais, o professor deverá fazer sentir seus alunos que a variedade trazida por eles de casa não precisa ser substituída e que não é inferior a nenhuma outra, pois sua variedade de língua cumpre muito bem o seu papel como instrumento de comunicação humana, bem como:

"... levar o aluno a perceber o lugar que ocupa o seu dialeto na estrutura de relações sociais, econômicas e lingüísticas, e a compreender as razões por que esse dialeto é socialmente estigmatizado. ..." (SOARES, 1986).

2.3. - Leitura silenciosa

Este passo consiste em pedir a leitura silenciosa dos alunos, incentivando-os a descobrir o que o texto lhes conta, pelo monitoramento do professor.

O que significa monitorar a leitura silenciosa? Este monitoramento, na verdade, está intimamente ligado à incentivação, aliás constitui mesmo o clímax dessa, pois, é quando o professor propõe ao aluno a "descoberta" daquilo que o autor tem a lhe contar.

Se se tratar de excerto de livro de literatura infantil (e os livros didáticos estão cheios), o professor pode chamar a atenção dos alunos para o título da obra e incentivá-los a lerem-na.

2.4 - Comentário da leitura silenciosa

A liberdade de expressão deve ser o primado desta etapa. Os alunos dirão o que leram, o que entenderam do texto. Em se tratando de uma primeira leitura (para quem se desenvolve nessa aprendizagem), talvez seja necessária a volta ao texto para maior compreensão. Cabe ao professor incentivar os alunos e, nesse momento, propor questões de "compreensão literal"¹. Poderão ser solicitadas opiniões dos alunos

1. Segundo Barret, as questões neste nível podem ser de reconhecimento: de detalhes, de idéias principais, de seqüência, de comparação, de relações de causa e efeito: memória de detalhes e de traço de personagens, dentre outras. BARRET apud Ezequiel Theodoro Silva & James Patrick Maker. CIÊNCIA E CULTURA, São Paulo, 30(12), dez., 1978.

quanto à aceitabilidade ou à rejeição de fatos e personagens. É a oportunidade de o professor, num clima de liberdade, reafirmar, incentivar os alunos a reconhecerem a leitura pretendida pelo autor e a dizerem qual a sua leitura; isso será feito mediante a relação do conteúdo do texto com as suas experiências de vida, seus valores, suas crenças, seus conhecimentos anteriores etc.

2.5 - Leitura oral

Por certo não se apagarão de nossas memórias as enfadonhas aulas de leitura em que a classe toda, num clima de terror, aguardava a vez de ler o trecho que continuava a leitura do colega que o antecedia. Da primeira fila à última, todos os alunos liam, repetiam o texto, mecanicamente, sem entender o porquê.

Como tornar a leitura oral significativa, interessante?

A leitura oral, que pode ser feita após a do professor, seguida de novo comentário, caso haja solicitação, far-se-á de formas variadas, tais como:

- o aluno lê o pedaço de que mais gostou, ou que mais o impressionou (indagar da criança o porquê da escolha);
- um grupo de alunos lê um dado parágrafo;
- um aluno lê o trecho que descreve o lugar, outro, a personagem;
- um aluno lê o trecho de que não gostou, lê aquele de maior suspense (indagar da criança o porquê da escolha);
- os alunos se distribuem e leem trechos pré-determinados: narrações, diálogos;
- um aluno ou grupo de alunos lê o começo, outro o fim do texto.

A leitura oral no 1º grau tem fins bem específicos: aquisição pelos alunos da habilidade de ler com entonação, ritmo, expressividade, que são, enfim, quesitos requeridos por esse tipo de leitura. O aluno fará uma leitura oral mais satisfatória à medida que for se apropriando da linguagem escrita e compreendendo

“... que a leitura mais autêntica, portanto mais eficaz como expressão dos motivos que ditaram a criação do texto, é a que guarda maior fidelidade à possível gravação da conversa informal sobre o seu conteúdo, (...) que, finalmente, é melhor leitor quem mais consegue identificar-se como o que se pode chamar de **origens do texto**” (BRITO, 1972).

A leitura oral dos alunos pode ser precedida da leitura em grupo: eles se distribuem em duplas e, após uma leitura individual, um lê para o outro. Esse procedimento dá mais confiança ao aluno, ao se deparar com a classe toda, ao lado de desenvolver seu espírito de cooperação.

A experiência tem indicado ser inútil insistir na leitura oral do aluno que leu insatisfatoriamente. O professor poderá fazer uma leitura, antes de solicitar que o aluno leia novamente.

Além do mais o professor deve estar atento para não pedir sempre a leitura das mesmas crianças e daquelas que têm uma leitura oral considerada mais eficiente. Sua postura há de ser a de quem está pronto a ajudar quem precisa e solicita. É necessário que se estabeleça na sala de aula um clima de desinibição e cooperação, de modo que o aluno perceba que pode errar, que professor e colegas estão a seu lado para ajudá-lo e que ali é o espaço privilegiado de que dispõe para aprender e desenvolver-se nessa aprendizagem.

2.6 - Atividades relacionadas à leitura²

Neste trabalho, o professor conduzirá o aluno ao aprofundamento da leitura, à integração de suas experiências pessoais com a do autor, ao questionamento, à tomada de posição quanto ao conteúdo do texto e à óptica de seu autor; é o momento em que o aluno pode se utilizar de outras linguagens (como o desenho, o teatro) e trabalhar com outras variedades de língua; pode alterar o rumo da história, introduzindo novos personagens e novos fatos, interferindo no texto segundo sua visão, produzir um novo texto (criação do pós-texto) etc.

O professor poderá propor questões de avaliação da realidade ou fantasia (o que o texto trouxe é possível de ocorrer?); julgamento de apropriação (trecho que melhor caracteriza as personagens); julgamento de valores, expectativas e aceitação (julgamento do comportamento das personagens); questões para que expressem suas emoções e sentimentos diante do texto; perguntas quanto à simpatia, empatia, antipatia em relação aos acontecimentos e personagens do texto; questões mediante as quais os alunos classifiquem os elementos do texto e ainda que conduzam o aluno a fazer suposições sobre fatos que o autor poderia ter introduzido no texto, para torná-lo mais informativo, agradável ou interessante.

2. Algumas sugestões aqui apresentadas baseiam-se na Taxionomia das dimensões cognitivas e afetivas da compreensão em leitura. BARRET, Thomas, *op. cit.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este trabalho, é preciso dizer que o sucesso de qualquer procedimento didático utilizado em uma aula de leitura está condicionado à adequada seleção do texto.

O que considerar, então, na escolha do material de leitura de uma classe de 1^o fase de 1^o grau?

— Quanto ao conteúdo: o texto deve ter alguma relação com as experiências do aluno; deve pertencer ao universo de interesse das crianças, ser desafiador e deve despertar a curiosidade. Para ajudar o professor na escolha do texto indicarei aqui certas preferências das crianças por faixa de idade. Para tanto, recorro ao texto de Vera Teixeira Aguiar - *Leituras para o 1^o grau; critérios de seleção e sugestões*:

- crianças de seis a oito anos: interessam-se por histórias do cotidiano, as quais envolvam pessoas, animais e fatos de família, escola e comunidade próxima. Os textos devem retratar o universo infantil;
- crianças de oito a onze anos: seu interesse volta-se para o maravilhoso, o animismo, os seres sobrenaturais, para o humor, o folclore, as histórias de índios;
- crianças de onze a treze anos: "As preferências literárias giram em torno de fatos da atualidade, ficção científica, histórias policiais e de fantasmas, onde predominam o sensacionalismo, a violência, as gangues e os vilões" (AGUIAR, 1986).

Para assegurar o atendimento dos interesses de seus alunos em leitura, pode o professor pedir-lhes sugestões quanto aos assuntos que queiram ler. Como auxiliar nesse trabalho, pode recorrer a catálogos, nos quais há uma pequena resenha dos livros. A leitura dessas resenhas pode auxiliar o aluno no reconhecimento de seus interesses.

O vocabulário deve ser próximo do léxico do aluno e ser expressivo. Por outro lado, deve o texto trazer vocabulário novo, de forma a propiciar o enriquecimento do léxico da criança.

É preciso alertar para que seja evitada a infantilização da linguagem, como o uso exagerado de diminutivo, em um tempo em que a televisão entra em nossas casas, tornando-se inevitável o contato das crianças até mesmo com programas dirigidos a adultos, é preciso estar atento para não menosprezar ou desvalorizar a capacidade dos alunos na decodificação de mensagens.

O professor poderá levar para sua sala: textos de jornais; revistas; propagandas; revistas em quadrinhos; letras de músicas cantadas pelas crianças ou daquelas que fazem sucesso; textos elaborados pelos

alunos ou produzidos num trabalho conjunto por alunos e professor; textos literários tradicionais e modernos.

Para concluir, quero afirmar que os passos básicos de leitura devem ser norteadores do trabalho do professor, mas não constituem receitas. É importante que o professor os utilize de maneira criativa, adaptando-os sempre que necessário, variando-os para que as aulas não fiquem monótonas. Afinal é o professor, que conhecendo sua classe e o perfil de seus alunos, sabe decidir quanto aos procedimentos que irão ao encontro de seus interesses.

Dans cet article, l'auteur reprend les moments principaux de la lecture. — procédé usuel dans les cours d'exploitation de texte en classes du premier degré — y analyse le rôle du professeur, de façon à en tirer le maximum d'éléments en vue de la formation du lecteur critique.

Le cours de lecture est vu comme un moment où les élèves développent la communication orale, écrite et même d'autres langages.

In this text, the author reviews basic steps in reading — a typical procedure for text analysis in first grade classrooms. The extent to which the teacher can draw on this technique to achieve the best possible critical reader is assessed. The work regards the reading class as an opportunity for the students to develop oral and written communication as well as other forms of expression.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. *Leituras para o 1^o grau; critérios de seleção e sugestões*. In: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na Escola**. 5. ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985. p. 84-105.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino de gramática; opressão? liberdade?** São Paulo, Ática, 1985. p. 75
- BRITO, Manuel Bueno. **Metodologia do ensino de português**. Goiânia, Oriente, 1972. 172 p.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro, FGV, 1985. 521 p.
- GENOUVRIER, Emile & PEYARD, Jean. **Linguística e o ensino do Português**. Trad. Rodolfo Ilari. Coimbra, Almedina, 1974. 443p.
- GENERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo, Martins Fontes, 1985. 91 p.
- ILARI, Rodolfo. **A Linguística e o ensino de português**. São Paulo, Martins Fontes, 1985. 88 p.

- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Planejamento e Orientação. Para que para quem ensinar língua portuguesa. In: **Programa de 1º grau - 1ª série**. p. 7
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola; uma perspectiva social**. São Paulo, Ática, 1986. 95 p.

RESENHAS

TEIXEIRA, Marieta Cruz Dias. *Um estudo sobre o discurso administrativo de Lourenço Filho*. Goiânia, CEGRAF/UFG, 1988.

Sob o nº 50 da Coleção Teses Universitárias da Editora da Universidade Federal de Goiás, está publicada a dissertação de Mestrado em Educação, de Marieta Cruz Dias Teixeira, apresentada no Departamento de Administração de Sistemas Educacionais do Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE), da Fundação Getúlio Vargas.

Professora e pesquisadora da Faculdade de Educação de UFG, a autora possui ampla vivência do trabalho acadêmico e acumula uma variada experiência administrativa. Foi Coordenadora da Editora da UFG por dois mandatos consecutivos. Sua postura profissional se revela no estudo sério por ela desenvolvido sob a orientação do Prof. Luiz Antônio Cunha.

Um estudo sobre o discurso administrativo de Lourenço Filho tem como objetivo analisar as idéias de Lourenço Filho expostas em *Organização e Administração Escolar*, livro mais adotado em Administração Escolar, disciplina que a autora lecionava no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFG.

O trabalho desenvolvido pela Profa. Marieta está dividido em quatro momentos:

1º - análise da prática pedagógica de Lourenço Filho;

2º - exame da gênese e da estrutura da T.G.A. e de seu papel ideológico;